



nomeadamente Astor Piazzolla, também de Mercedes Sosa, entre outros intérpretes da América Latina. E também da “chanson française” porque fiz concertos do Léo Ferré, Georges Moustaki, Collete Magny para além de muitos mais nomes», mas nesta longa sequência não esconde que houve um que lhe passou ao lado. «Só não tive a felicidade de fazer um concerto com o Georges Brassens. Mas neste percurso fui sempre encontrando amigos sensíveis de todas as áreas artísticas e de inúmeros países que, contribuíram para o meu enriquecimento.» reconhece Avelino Tavares que, entusiasmado, acede a revelar um

dos, seguramente, muitos episódios que “ilustram” as suas memórias.

«O único concerto do Astor Piazzolla no Porto fui eu que o fiz para o “Jornal de Notícias” para celebrar os cem anos desse órgão da comunicação social. E foi um concerto memorável porque ninguém o conhecia. Mas com os seus discos a passarem na rádio e uma boa campanha de divulgação sobre Piazzolla e o bandoneón (instrumento inventado por Heinrich Band, no século XIX, na Alemanha e levado, nos inícios do século seguinte, por emigrantes desse país para a Argentina), consegui pôr no ainda velho Rivoli mil e setecentas pessoas que se emocionaram com esse velhinho querido mas com o coração cheio de música e que tocava bandoneón, uma espécie de sanfona, acordeon e harmónica, de uma maneira enebriante», recorda Tavares que dizendo «possuía um bandoneón onde também tocou Piazzolla» (reconhecido como o melhor bandoneonista argentino) dá conta do interesse das novas gerações portuenses pelo instrumento igualmente popular no Uruguai.

«Actualmente há uma série de jovens, entre os vinte cinco e os trinta anos, do Porto a fazerem coisas em

bandoneón e a inseri-las na música portuguesa. E por conseguinte eu emprestei-lhes o meu. Porque acho que esta é a melhor forma de colaborar nos trabalhos desses jovens que, não tendo capacidades económicas para adquirirem um bandoneón, possam estudá-lo e trabalhar esse som divinal popularizado por Piazzolla, cujo concerto no Porto é uma grande recordação na minha vida e para o qual não tenho palavras», acrescenta, emocionado Avelino Tavares que, prosseguindo nas suas memórias, dá conta do convívio que teve com «essa pessoa de grande talento e de extrema humildade e de quem lhe falou de Carlos Paredes», este outro virtuoso mas da guitarra portuguesa.

«Tenho muitas outras histórias tão maravilhosas como esta onde a música e as amizades estão sempre presentes» deixa claro este homem de rija tempera que confrontado com a possibilidade de essas memórias serem editadas em livro, ri-se, e após uma pausa

admite que isso até pode ser possível. «Olhe, terá de ser uma pessoa muito especial que também goste disto e que tenha muito tempo porque, aviso, há muita coisa para gravar. Porque vivi histórias muito interessantes com a Gal Costa, de quem fiz seis concertos no Coliseu do Porto com mais de trinta

«Amanhã, posso
“partir” feliz
porque ficará cá
alguém para fazer
o Funchal Jazz
com concertos
mais
espectaculares.»

siça